

ANNO I

N. 8

30 DE ABRIL 1889

REVISTA SUL-AMERICANA

BIBLIOGRAPHIA BRAZILEIRA --- SCIENCIAS, LETRAS E ARTES

Publicada pelo Centro Bibliographico Vulgarizador

Rio de Janeiro—Assignatura annual para todo o Brazil 5\$000

Para os paizes estrangeiros: gratis ás associações e publicações congeneres. Assignatura por anno 12 francos (união postal). São nossos correspondentes na Europa: em Lisboa, Antonio Maria Pereira; em Paris, Guillard, Aillaud & C.; em Londres, Dulau & C.; na Italia, Fratelli Bocca; na Alemanha, G. Herder,

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao gerente do Centro Bibliographico, rua Gonçalves Dias 41.



SUMMARIO.—I O Povo Brazileiro em suas origens, por **Sylvio Romero**.—II Arthur Azevedo e Theophilo Dias, **Raul Pompeia**.—III A Escola Normal. e os concursos —IV. Decaetia poesias de **João Ribeiro**.—V. **Victor Henry** e **Sylvio Romero** —VI. Da educação, por **Herbert Spencer**. — VII, Divisão Administrativa do Brazil, —Bibliographia Brazileira.

O povo brazileiro em suas origens (1)

Quando o Brazil foi descoberto a humanidade já tinha atravessado o grande cyclo da antiguidade e o largo periodo da edade media, o que importa dizer, que ella já tinha passado a phase dos grandes impérios militares, a phase das conquistas sem designio e sem ideial, a phase das aristocracias guerreiras e indisciplinadas, e entrava n'um periodo industrial em que as distincções de casta e de ordem hierarchica iam desapparecendo gradualmente para dar lugar ao *povo*.

A velha realeza, o velho sacerdocio, a velha nobreza existiam ainda; mas imensamente limitadas pelo poder novo que se levantara por seu trabalho: o terceiro estado, a burguezia, a plebe, o que

tudo quer dizer—o *povo*. Este caminhava rapidamente para emancipar-se—Fabricara o *astrolabio*, inventara a *bussola* descobrira a *imprensa*,—attirara-se aos mares, duplicando a terra pela descoberta da America, da India, da Oceania, pela circumnavegação da Africa e logo após pela circumnavegação do mundo.

Foi n'este tempo sem par, o tempo de Guttemberg, de Colombo, de Vespucci, de Magalhães, de Bartholomeu Dias, de Vasco da Gama, de Luthero, de Miguel Angelo, de Gallileu, de Albuquerque, de Paliisy, de Tasso, de Camões, de Skaspeare que se descobriu o Brazil.

Todos estes heróes incomparaveis, são filhos do *povo* e são da época em que começam a declinar todos os exclusivismos e todos os privilegios.—A terra inteira fora então corrida; os povos mais longinquos e mais dessemelhantes poseram-se em contacto. Nações novas começaram a fundar-se e as diversas famílias humanas a se fundirem no continente americano.

(1) Este fragmento faz parte de um livro que o autor destina ás classes primarias.

Em nenhuma outra região deu-se em tão larga escala a mescla de gentes diversas, como no Brazil.—Em todos os outros paizes da America as raças branca, vermelha e negra estiveram em face uma das outras. Mas nas colonias hespanholas a alliagem com os negros foi muito limitada e nas colonias inglezas o foi ainda mais, tanto com os africanos como com os indios.

Não assim no Brazil onde a providencia da historia misturou em larguissima escala as tres raças e ainda mais vae caldeando aqui a immensa corrente de imigrantes europeos de origens diversas que vem demandando as nossas plagas.

Sendo o nosso paiz em sua maxima e principal parte uma região tropical, foi utilissimo que o povo colonizador se alliasse intimamente aqui ás duas raças tropicaes com que se poz em contacto.

Formou-se assim uma população valida apropriada ao clima da zona torrida. Sendo, porém, os povos europeos os mais progressivos da terra, muito nos convem a dupla corrente do norte e do sul, de allemaes e italianos, que estão vindo unir-se a nós, associando-se ás nossas luctas, ás nossas fadigas e ás nossas victorias.

De todas estas origens vae sahindo o brasileiro por excellencia, o typo de hoje e ainda mais caracteristico — o do futuro.

Não é tudo: os proprios tres troncos principaes de nosso povo já eram o resultado de diversos cruzamentos e mesticamentos especiaes.

Os portuguezes são geralmente considerados, como um garfo latino, pertencente, portanto, aos povos aryanos. A historia, porém, vem confirmar em Portugal a verdade da anthropologia — de não existirem raças humanas puras e extremes de mescla.

Ó fundo primitivo da população portugueza e em geral da peninsula iberica, não fallando já nas raças pré-historicas que alli habitaram, eram os iberos que se supõe pertencerem aos povos mongoloides que precederam os aryanos na Europa. Tal a principal raiz das populações hispanicas.

Juntae agora as colonisações celtas, phe- nicias, carthaginezas, gregas, romanas, godas, suevas, arabes e mouras que estanciaram por seculos e seculos na peninsula e comprehendereis quão complicada foi a fusão d'onde proveio a gente portugueza que colonisou o Brazil.

Passemos aos indios.

Ainda hoje não possuimos uma classificação perfeitamente scientifica dos indigenas do Brazil. Na celebre classificação dos indios da America do Sul, feita por Alcides d'Orbigny, em *ando-peruvianos*, *pamppeanos* e *brasilio-guaranys* os incolas primitivos de nosso paiz se reduzem a um grande tronco commum. O celebre viajante e botanico Martius, o illustre criador da *Flora Brasiliense*, e um dos sabios estrangeiros a quem o Brazil mais deve, aceitou a divisão tradicional dos indios em *tupys* e *tapuyas*, habitando aquelles o valle do Amazonas e as costas e os outros o alto interior, e subdividiu os *tapuyas* em *gés*, *crens*, *gucks*, *parecis* e *carajás*, que são cinco ramos inteiramente diversos entre si, comprehendendo cada um d'elles diferentes tribus.

O viajante Carlos von den Steinen dividiu os nossos aborigenes em *Carahybas*, *Nu-Aruaks*, *Tapuyas* e *Tupis*. O Dr. Rodrigues Peixoto, além dos *tupis* do norte, admitte os *bugres* no sul que se prendem aos homens primitivos dos *sambaquis* e os *botocudos* que se prendem aos homens pré-historicos da *Lagóa Santa*.

Por estas diversas classificações, é evidente a impossibilidade de reduzirem-se os povos aborigenes de nosso paiz a um typo unico. Rezultados de antigos e variados cruzamentos deviam elles impreterivelmente ser.

O mesmo é indispensavel afirmar dos povos africanos que foram trazidos para o Brazil como escravos pela ganancia dos colonisadores. Foram alguns milhões de individuos importados no decurso de tres seculos; e não vinham só de um ponto do continente africano.

De uma e outra costa e do interior do paiz sahiram as levas tiradas das mais diversas tribus.

D'estes tres troncos principaes, já de si tão variados, descendemos nós os brasileiros. Aqui não existem hoje vencidos e vencedores.

Todas as raças prestaram os mais altos serviços á nossa civilisação e são aptas a prestal-os cada vez maiores. Todas ellas amam este solo, creem no seu porvir e desejam levantar bem alto o nome da patria.

SYLVIO ROMÉRO.

Arthur Azevedo e Theophilo Dias

Arthur Azevedo, poeta, comediographo, jornalista, pertence a essa especie abençoada de pessoas que andam vestidas n'uma athmosphera de sympathia comunicativa e bom humor contagioso que afasta para longe de sua convivencia o tedio, caracteristico, alias, das optimas relações de muita gente boa. Resulta esta impressão de caracter da discreta amabilidade do cavalheiro e, principalmente, da invejavel presença de espirito (usando a expressão em um sentido que devêra ser o verdadeiro) do escriptor, prevenido a todo momento para florear a conversação com as bruscas sortidas e as vivas cabriolas de uma *verve* rara, que não tem o mau gosto de descer até á rudez da *piada*, nem a maldade afinal impertinente de abusar do epigramma pessoal.

Esta vivacidade espiritual que nos dá ideia de um cerebro formigueiro em plena animação de cellulas sadias, que se nutrem e que vibram simplesmente do que o mundo produz de mais vivo e mais rapido como impressão, desde os aspectos comicos, até aos levementes graciosos, esta feição seductora da intelligencia de Arthur de Azevedo, que tão facilmente, tão despretenciosamente e tão naturalmente se revela na sua conversa, é o mesmo traço distintivo de todas as suas producções litterarias.

D'ahi o successo permanente das suas composições dramaticas, que, realisadas muita vez para attender ao reclamo urgente de um emprezario em estação pouco prospera, não são sempre de grande apuro litterario, mas conservam indefectivelmente o cunho da originalidade do escriptor.

Os seus versos, os seus artigos de imprensa, que a acceptação constante tem coroado sobre a assignatura de *Eloy, o Heróe*, até os conceitos improvisados n'um canto de album, todas as linhas de sua penna incansavel e fluente, são as outras tantas representações do estylo, do brillantismo, da fecundidade do conversador. Um soneto publicado ultimamente na revista *Treze de Maio*, que eu transcrevo por amostra, resume o gosto geral do artista, o tom ligeiro agradabilissimo

dos seus trabalhos, adduzindo ainda uma nota especial de fina malicia que o escriptor ás vezes usa e sabe como ninguem insinuar a modo de quasi candura.

Muitas vezes, sorrindo, me perguntas :
— Se eu morrer hoje, meu querido amigo.
Fazes-me uns versos ? fazes-me um artigo ?
E eu te respondo : — As duas cousas juntas.

No entanto, fel ao meu peccado ajuntas,
Se assim te pões a gracejar commigo :
Não poderia ver o teu jazigo
Como o jazigo vi de mil defuntas.

Oh, não ! não morras, pallida formosa,
Porque a morte inimiga escura e fria,
Fôra indiscreta, fôra perigosa.

Se tu morresses, eu tambem morria.
E a minha dor acerba e escandalosa
O teu cadaver comprometteria.

Nestes versos, existe a frescura, a naturalidade, a alma sympathica de toda a obra de Arthur Azevedo, um dos poucos exemplos de nativa originalidade na phase actual da nossa litteratura.

Os seus contos ultimamente collecionados e dados ao prélo são ainda documentos perfeitos desse caracter. O auctor dos *Contos Possíveis* diz em prologo que não parecem da mesma penna as avaradas narrativas do seu livro. Nada menos exacto.

Variam os generos, sim, varia a maneira de contar, varia a maior ou menor importancia ligada ao assumpto no momento de escrever; mas, apesar disso, apesar das diferentes épocas a que são attribuidos os contos, o processo commun da phrase, a preferencia dos assumptos, o capricho de surpreza final, o pensamento humoristico encerrado como moralidade da fabula, adoptadas as alterações convenientes ao assumpto, ora grave, ora alegre, ora rasgadamente burlesco, constituem, do principio ao fim do livro, uma demonstração indiscutivel de unidade genesica, tanta, pelo menos, quanta se pôde exigir para uma serie de producções independentes.

Seja, porém como fôr, accepta a increpação de desigualdade, só porque o narrador quiz uma vez narrar em verso, depois em prosa, n'uma pagina, a geito de anedocta, em outra, mais zelosamente trabalhando, o que fica fôra de duvida é que os *Contos*

Possiveis fazem um livro de primeira ordem, a mais interessante das leituras e um dos mais bellos titulos de orgulho da actualidade litteraria.

Console-se o Maranhão, de onde Arthur Azevedo é filho, com a lembrança de que ainda lhe restam destes zeladores dos seus creditos intellectuaes, console-se do recente golpe que a feriu, como ao Brazil inteiro: a morte do seu outro illustre filho, Theophilo Dias.

Com a provincia do Maranhão, o Brazil inteiro deplora o falecimento do grande poeta, exactamente na occasião em que delineando com esmero a *Comedia dos Deuses*, ampliação versificada do *Ahasverus* de Quinet, preparava-se para emprehender o poema da *America*, typoda poesia brazileira, preocupação dourada do artista, que elle saberia concretisar com a superioridade respeitada de todos os seus cantos.

Desde a publicação da *Lyra dos Verdes Annos*, ao chegar a S. Paulo, os versos de Theophilo Dias se fizeram notar pela correção absoluta. Rythmo, rima, selecção feliz do vocabulo, firmeza do epitheto, todas as boas qualidades da producção genuina do artista sufficiente concorriam para o exito das suas estrophes. Tres dias e mais de tentativas febris e trabalhosas experiencias podia custar-lhe um soneto; mas o resultado era a composição una, consolidada n'um bloco de perfeição, donde era impossivel destacar uma particula sem a completa desnaturação do conjunto. E o poeta sabiabutar sem rebuscar; o seu esforço não redundava em catar o precioso, mas em inquirir a exactidão formal das expressões, a justeza representativa da idéa e do sentimento.

Uma das grandes faculdades artisticas é obter a expressão espontanea e poder, sem prejuizo da espontaneidade, critical-a longamente, para que não degenera, como é commun nos casos da solta inspiração, em cousa semelhante ao que os adversarios da oratoria de um fecundo tribuno inglez denominaram *eloquencia diarrhetic*. Theophilo Dias foi talvez o primeiro poeta nacional que tentou a lapidação attenta da phrase metrica. E conseguiu-a admiravelmente. Entretanto, nos seus trabalhos nada se observa que não seja a pura naturalidade. O esforço distribue-se pela contextura geral da peça, de modo que não é possivel determinar onde mais vezes

calcou o pollegar do artista sobre a materia plastica da expressão.

Verso por verso, são todos faceis os que Theophilo Dias produziu. Considerando a estrophe, começa-se a perceber a belleza da difficultade vencida. Considerando a composição inteira é que se sorprehende o entravamento nervoso e muscular do todo, expandido n'um gesto triumphal, o *eureka!* da forma, depois da agonia do trabalho e da tentativa ingrata.

Veja-se a *Matilha* para exemplo.

Perseverando na intenção de naturalidade, Theophilo Dias não evitava sómente o elemento *raro* na sua poesia, evitava toda e qualquer violencia de construcção poetica, como o trocadilho camoneano, apreciado de outros poetas, comprehendendo que o brinquedo malabar das palavras pode facilmente, como certas brutalidades onomatopaicas, espantar toda especie de poesia das linhas metrificadas. Infelizmente, este gosto do estylo chão passou da fórmula para a concepção do poeta e o artista não cuidou muito de investigar emoções extraordinarias, restringindo a inspiração n'um circulo de modestia, onde o estro proprio, já de si pouco ousado, abdicava frequentemente em favor das traducções e imitações da arte francesa.

Mas não faltava sentimento ao poeta. De modo algum. Provam-n'o de sobra as poesias em que elle o quiz revelar: provava-o aquella deliciosa maneira de recitar, sabia, profunda, vibrante, que Theophilo possuia para o encanto dos amigos, quando, nas expansões de uma reunião escolhida e intima, tencionava fazer ver a opulencia de qualquer composição de poeta admirado.

Era esta força, aliada aos recursos illimitados da fórmula de que o artista podia dispor, exhibidos em tanta copia, principalmente por algumas paginas da principiada *Comedia dos Deoses*, era esta força conhecida a grande garantia da *America* que a morte impedio de se escrever.

Morreu assim Theophilo Dias, sem que o conhecessemos em toda revelação da sua capacidade. Resignemo-nos a admirar-o no que deixou feito que não é tudo quanto nos devia dar o extraordinario artista, mas que vale alguma cousa mais felizmente do que uma predestinação de Marcello.

RAUL POMPEIA

«A Escola Normal» e os concursos.

Tinhamos o proposito feito, o Sr. Dr. Sylvio Roméro e eu, de apresentar conjuncta ou separadamente uma serie de razões contra a insinuação immoral publicada na *Gazeta de Notícias*, onde piedosamente se choromingava a necessidade de prover os interinos nos lugares da Escola Normal, independentemente de concurso.

O papel sujo que rezava aquella indecente lamuria andou repellido de varias redacções até que afinal conseguiu ser estereotipado pela *Gazeta*, ao que penso, inconsideradamente e sem exame. (1)

Desde logo nos preparamos, inscriptos como estavamos, para fazer protesto imediato.

Pouco depois, porém, no dia 28 de Abril apareceu o magistral e irresponsável artigo do colosso da imprensa brazileira e nesse momento talvez da imprensa americana—Ruy Barbosa

Desde então resolvemos nada mais acrescentar: a logica, a justiça da causa, a vigorosa energia da phrase do illustre publicista são de tal ordem, que n'elle delegamos todas as nossas queixas.

Pedimos pois ao auctor licença para dar aqui uma edição de seu artigo:

«Escola Normal»

«Não podemos, apezar da melhor vontade, concordar com aquelles que suggerem ao governo imperial o alvitre de prover effectivamente nas cadeiras d'esse estabelecimento os professores interinos, a exemplo do que acabam de fazer os Srs. ministros da guerra e da marinha, que assim procederam nomeando, independentemente de concurso, lentes para a Escola de Marinha e a Escola Militar e professores para a Escola Normal e o Imperial Collegio.

E principio de direito que as decisões viciosas não constituem arresto, assim como é regra de boa moral que os máos exemplos não formam tradição. Longe de se imporem elles, o que, pelo contrario, se impõe é a sua reparação, ou, pelo menos, a sua censura, para que se não repitam.

(1) Pudemos saber mais tarde que o alludido escripto por engano de paginação saiu como editorial, devendo estar na secção de *Apéndices*.

A antecedencia invocada no procedimento dos ministros da guerra e da marinha é pessima; tendo-se assignalado por abusos, que a imprensa profligou, que deixam paginas vergonhosas na historia da nossa administração, e que hão de ser ferteis em más consequencias para o ensino. Não será lícito que o nobre ministro do imperio se apadrinhe n'esses erros deploraveis, alguns dos quaes tocaram os limites do escandalo, para incorrer em culpas da mesma gravidade.

Os ministros têm procurado, entre nós, firmar os estylos de inaugurar as reformas, investindo, a seu sabor, no magisterio capazes e incapazes, que ficam obstruindo as cadeiras, até que a morte, ou algum acidente do capricho administrativo, desocupe os postos, que a mediocridade e a incompetencia inutilizaram durante annos, lustros, dezenas de annos para a educação da mocidade e o progresso nacional. Dest'arte, por uma incongruencia typica, inicia o nosso governo com repudio formal do concurso regimens de organização docente que preconizam no concurso a prova suprema da capacidade profissional.

Felizmente, porém, nem todas as reformas se têm auspiciado sob taes estréas. Na das Faculdades de Medicina, por exemplo, as novas cadeiras foram preenchidas mediante concurso, e não por actos de arbitrio imperial.

Ninguem será mais insuspeito do que nós, pugnando aqui por uma instituição, que sempre impugnámos como fallibilissima nos seus resultados. Apezar de duvidosa, porém, ella é, em todo o caso uma garantia a certos direitos, um limite á omnipotencia e um correctivo á cegueira do poder. Nunca solicitamos, pois, a sua suppressão, senão estabelecendo, em vez d'essa, outras garantias, a nosso ver, superiores, substituindo o criterio do concurso mediante exame pelo da concurrença em certas condições, destinadas a convocar, e pôr em relevo todas as capacidades.

Mas tomar as cadeiras por assalto, converter, por assim dizer, subrepticamente o titulo interino em investidura effectiva, fazer por um geito de artificio, aproveitando um lance de occasião, aquillo que os principios permanentes do direito administrativo e da conveniencia geral normalmente não permittiriam,—ninguem, que

encare com attenção o assumpto, á luz do interesse publico e da moralidade do ensino, poderia admittil o.

Questões de alcance permanente não se resolvem por considerações momentaneas; e, pois, não comprehendemos que, mesmo como argumento adminicular, se possa adduzir a circumstancia da estreiteza de tempo, a que se acha reduzido, este anno, na Escola Normal, o curso lectivo, ao qual relevaria não trazer novos embaraços. De todo em todo não vemos a minima relação entre essa ponderação e a providencia que os interessados solicitam. Se o concurso é indispensavel, para assegurar á escola o beneficio de bons professores, não vemos por que a vantagem transitoria de não difficultar o serviço, durante dias, ou semanas, basta para compensar o mal proveniente de um professorado estabelecido ás pressas e sem seleccão. Mas, se, pelo contrario, sem o auxilio do concurso, a escolha poderá effectuar-se com acerto e moralidade, não se percebe em que possam contribuir para essa deliberação dados tão indiferentes á verificação de capacidade nos candidatos ás cadeiras d'aquella casa, como a necessidade, mas ou menos imperiosa, de não diminuir o numero de lições no decurso de um anno.

O summo interesse, na organizacão de um instituto docente, é a formação do seu magisterio; e a esse se subordinam todos os outros; porquanto a dos alumnos com esse se confunde, e d'esse depende. Ainda quando necessario fosse (que o não é) sobre estar por um anno nos trabalhos lectivos, para prover á constituição d'um professorado digno de toda a confiança, o prejuizo ephemero d'essa interrupção nada seria, em comparação dos males irremediáveis, que á instrucción acarretaria o provimento de indoutos e inaptos no estabelecimento de onde têm de sahir os mestres para o ensino popular.

Transformar interinidades em effectividades, conferindo a posição de cathedraticos a lentes, que os mesmos protectores, a quem elles devem a nomeação provisoria, não ousaram a elevar a essa cathegoria, é sacrificar os direitos moraes da populaçao, do corpo docente na Escola Normal, das capacidades que o merecimento habilita para assumirem as cadeiras hoje ocupadas por inferiores.

Se todos os professores interinos têm

dado da sua habilitação intellectual as melhores provas, tanto maior razão, para que devam ser os primeiros a reclamar a verificação legal da sua capacidade, desde que outros, estribados na lei, querem disputar-lh'a. Ha concursos abertos; ha inscripções feitas; ha, entre os inscriptos, nomes acreditados, alguns dos quaes podem affigurar-se ao publico preeminentes em valor profissional aos occupantes actuaes d'aquelles logares. E não é nem justo, nem decente, nem convinhavel ao bem do ensino, que se nos furte, a esses competidores e a nós, o meio de tirar a limpo as superioridades reaes.

Demais, se nos permitem exprimir todo o nosso pensamento, com a nossa usual franqueza, não acredita nos na aptidão universal, sem excepção, de todo o pessoal docente n'aquella casa. Singular parecemos, até, que alguém a possa admittir, considerando no proverbial nepotismo, na inaptidão scientifica e nos moveis habituais do poder administrativo entre nós, para não fallar na sua insigne indifferença em materia de ensino popular.

Só extraordinariamente, pois, em relacão a summidades profissionaes acclamadas pelo respeito publico e pela admiracão geral, comprehenderíamos excepção aos concursos. E nem mesmo atinamos como estes possam obstar o curso dos trabalhos escolares, a não ser que os juizes precisem de ir agora habilitar-se para julgar, ou os concurrentes para concorrer; o que tudo são razões contra a promocão arbitrária dos interinos a effectivos».

J. R.

Immigração

Foi este o movimento da entrada de imigrantes pelos portos do Rio de Janeiro, Santos e Victoria no trimestre de Janeiro a Março findo:

	Rio	Santos	Victoria	Total
Janeiro ..	11.763	8.910	—	20.673
Fevereiro ..	7.452	4.605	1.280	15.337
Março ..	5.645	1.834	—	7.479
Totaes ..	24.860	15.349	1.280	43.489

A C R E A C A O

Eis-me de novo, amigo... outras cogitações
Levam-me o pensamento aos desertos do ideal...
Não lamenteis, porém... As minhas illusões
Morreram de ua morte ingloriosa, bestial.
Assim morrem as que nos lividos matizes
Illudem-nos á fé falsas como as actrizes.
O cerebro, esse, então, o agricultor zeloso,
Vendo que o parasita alastrá-se vaidoso
Crotalica serpente,
Mordendo as plantações.
Sem tiros de arcabuz, com livros simplesmente
Extingue as illusões.
Assim foi que esvanei do mundo interior
Essa noeira vil alcoolizada, em flor,
Macia como a lan...
Assim foi que a arranquei, a sordida inimiga,
A roedor a atroz, a magra cortezan,
Como quem tira a cór d'uma parede antiga.
Escuta-me; o infinito espraiá-se gigante...
Rola por todo o espaço um fluido agonisante...
O ether, o vapor, o cosmos, a energia
Trabalham fortemente, indeclinavelmente
Com uma heroicidade elétrica, sombria,
N'uma allucinação enorme, incandescente
De líquidos metaes.
E, d'esta combinação de muitas cousas varias
Emergem do infinito as massas planetarias.
Os atomos do céu, os mundos desiguais,
Harmonicos, servis, sujeitos á attracção
Em nucleos de calor, de luz, de irradiação!..
E, Jupiter secundo,
A força rae, semeia os multiplos embryões,
Oculos da materia, os uteros dos mundos
Sídes de magnetismo
E de germinações...
Foi assim que a energia annivelou o abysmo.
Depois, ruge incessante um rude cataclismo,
Rebentam os trovões, os raios, o fracasso...
Mundos a desabar por sobre Titães de aço,
Grandes transformações, catastrophes sombrias,
Astros em concurrenceia á vida pelo nada...
Os grandes furacões, as loucas ventanias
Assopram sobre o oceano as lobregas noitadas.,
O liquido evapora, e fundem-se os metaes,
E a rocha então levanta os braços colossaes.

Não pára ahi; oh não! a força da materia,
A enorme estupidez, essa loucura seria,
Bruta, incondicional, fatal, imprecriptivel.
Então é de serer um phenomeno incrivel
Essa irreqüelação continua do universo,
E' a força varonil que traz tudo submerso,
Do ar e d'amplidão as turbidas entranhas.
E o ventre do infinito e o ventre das montanhas
Soltam sinistramente as erupções vermelhas...
Brilham constellações como enxames d'abelhas...
No meio do calor as pedreiras glaciaes
Quebram-se mollemente... abrem-se em vegetaes...
E fracas como a luz de moribundos cyrios
Rebentam tristemente as petalas dos lyrios.

Mais azoto e o carbono... à vida triunphante
Começa n'um delirio enorme, extravagante
N'esse anhelo de luz, d'amor e d'apathias!..
Fermentam pelo mundo as coleras sombrias...
E pejam a floresta os animaes selvagens,
Esfaimados heróes, de pavrosa lucia!
Fria como a nudez immensa do ang'lo recto,
Reçuma da ruina a velha força bruta!

O direito é viver... a ave á custa do insecto,
E a serpe á custa d'ave.
Então n'uma caverna,
Atro, negro, covil, fundo como cisterna,
Recanto de chacaes, e de hyenas enraivadas...
Percebe-se o talhar de pedras afiadas!
Desvairado a luctar, sinistramente bello,
Retinto sobre o olhar da natureza o sello,
O homem quasi nü, o rei da creakão!..
Sem trapos para a purpura...
Sem migalha d'um pão...
Assiste, vê, tremendo, o céo enfurecido
Que arranca ao velho peito o hysterico grunhido;
E os raios e os trovões
Voam dos horisontes
E selvagens, crueis, os cosmolos leões,
Chicoteando o oceano, alevantando os montes,
Atiram para o céu enormes vagalhões!
O homem treme, corre e busca algum abrigo,
Entra pela caverna... encontra um inimigo,
E raivoso, feroz, felpudo, ensanguentado
Cria garras p'ra o céu, perseguido, isolado!
Com tudo não desmaia..., experimenta o braço,
O mundo faz-se bronze, elle se torna de aço,
A dor fal-o sorrir como a tormenta ao mar,
Vamos, diz-se consigo: Vamos, é caminhar!
Dores uma por uma
Absorrem'o fortemente; o fetechismo, o medo,
Lucta contra o animal, lucta contra o rochedo,
E contra a natureza arranja-se um contracto,
E veste-se e fabrica as cousas necessarias,
Entra pelo empirismo e chega até ao abstracto,
Descobre as leis do céu, das massas planetarias,
E a par da theoria e a par das religiões
Formam-se abstractamente as civilisações,
E inda bebendo o sangue á alexandrina fonte
Do Egypto acabrunhado,
A Grecia então levanta, entre lauréis, a fronte
Como um pharol de luz nas trevas do passado!
Começa o progredir!
Começa o movimento enorme do pôrnir,
Os sonhos da alchimia, as discussões do sabio,
Desaba a architectura, e domina o alfarrabio,
E anoz a abdicação das grandes cathedraes,
Resulta muita cousa: os livros os jornaes,
O methodo, o saber, o amor, as theorias,
O embolo, a pressão, novas philosophias!
O corpo enseuda a idéa, a alma—apenas um servo,
O movimento é musculo; o pensamento é nervo,
Agora é nos voltar a outros mundos do ideal,
Fazer um novo Deus, fundar nova moral,
Nobilizar o amor, a morte, a educação,
E as forças algemar no codigo; o coração?
Antopsiar e rever á mãos, a olhos nus;
E da acuçena—treva—erguer o lyrio—luz!
E sobre esses montões das cousas objectivas,
Fragmentarias e vis, pulverulentas, vivas,
Manejando o cinzel rindo de taes abysmos,
Tirar o bem ideal do bloco dos egoismos,

Foi um trabalho atroz, cheio de combustões,
Calcula: este excavar perpetuo de antigualhas
Da terra ao revolver tornou dentro em meu peito
Em um montão de palhas
O caule, a folha e a flor das brancas illusões!
Entanto, satisfeito,
E mesmo interessado,
Do espírito arranquei a petala derradeira,
Assim como quem tira a incomoda poeira
Que pousa no verniz d'um moel arruinado,
Com tudo há bem rasão de achares-me sombrio
A mocidade em mim não faz calor, nem frio,
E sou como tu vês, uma alma desenganada

Cheia de uma verdade hysterica, pesada,
De pensamentos crus, e d'uma negra vertigem !
Minh'alma a corteza, a toda idea polluta,
Nos braços da descrença, arrenegando a origem,
Prepara-se p'ra o Bem, presta-se p'ra a lucta !
(1880)

EM SONHO

Vejo-a dentro do meu sonho
Toda subjectiva, ideal,
Efeito de luz risonho
N'um quadro sentimental

Dentro do sonho, a figura
Illuminada de sol
Lembra-me n'atra espessura
A canção do rouxinol,

Voam-lhe das aureas comas
Evaporações lethas
De capitosos aromas
Cambiante e sensuas,

Meu pensamento presume
Que ella espalha á roda um luar
Como um vidro de perfume
Espedaçando-se no ar,

O longo profuso e luuro
Cabello, cahindo a fluz,
Recorda-me churas d'ouro
Em climas d'extranha luz,

Tenho a noçao cheia d'erro
D'uma paizagem fugaz
Mal vista d'um trem de ferro
E que inda assim nos apraz.

Pois a confusa experiênciia
D'um sonho [não nos traz fé
Nem pode trazel-a; tem-se-a
Quando se adora e se crê.

Os seios têm a doçura
De conchas quasi a chorar
A nostalghica amargura
De antigo, longiquo mar.

Só em phantasticas piagias
Pode um morbido crisol,
Fundir olhares—de vagas,
E tecer tranças de sol,

Na boca purpurea, incerta,
Fluctua um riso de amor
Como em rosa meio aberta
Invisivel beija flor,,,

E d'essa boca que é riso,
D'esse riso ave immortal
Cae a palavra saudosa
Qual penna, petala qual.

Mas cada vez que presinto
Surgir a casta visão,
—Eil-a (digo-me), não minto—
E a sombra diz-me que não.

Mas quem és ? irresistivel !
Chego-me... ella foge apos !
Quero lutar, impossivel !
Chamal-a, não tenho voz !

Sigo-a ao longe s'extinguindo
N'uma agonia de sol,
Ferido á queda, cahindo
Ensanguentando o arrebol,

1880.

EDDAS.

Nevoeja o Doffrina... ao Wáhala d'ouro,
Sobe a cavallaria aos aposentos,
Encuméa os arceões o negro couro
Dos javalis sangrentos...

De elmo espumoso, as ondinas guerreiras
Corôadas de lichens flammejantes
Pegam do freio as bordadas testeiras
Dos corceis relinchantes,

As esbeltas Walkirias apparecem
Cujas fulvas melenas borbulhosas
Relam nos seios brancos e offerecem
Favos de mel no concavo das rosas...

Depois o aventuroso troço dorme
Profundamente... Ao longe no Doffrina,
Como na bôca d'um gigante informe
Escumeja a neblina.

NO MAREGEO

As velas
Hellenas como estrellas
Vão nodeando o azulado
Manto do mar irado.

Pelo ar
Profunda a murmurar
D'Ulysses inda existe
A voz magoada e triste.

O dia
Branco e rubro radia
No ponto solugante...
Vem Amphitrite errante,

E nua
Pallida como a lua,
Boia no conchyo d'ouro
A flor do sorvedouro.

Na rosa
Da bocca setinosa
Anda voando um riso
Pollen do paraíso.

Golfinhos
Chamam tritões marinhos,
Dragão fero, iracundo
Que vem do mar profundo,

Ufano,
Arrasta-a pelo oceano,
Que mereja das vagas
Perlas, nitentes bagas...

O ninho
Foge... foge... o marinho
Leito guarda ofegante
A nymph, a deusa errante.

Vasio
O ponto vasto e frio
Fica. Vê-se sómente
O mar eternamente.

O vasto
Eternamente casto,
Profundo a mormurá
Eternamente, o mar.

NO EGYPTO

E corre placida a noite egypciana...
Recorda os tempos idos
Do crescente a fagulhante espadana
E os cinzelados fustes carcomidos.

Vejo passar dos tempos através
Putiphar, Achelbruz
E os pharaós em cujos santos pés
Brilha a perla diamantinada a luz

E vejo passar Isis nebulosa
Nos amarellos trigos
Que vegetam juncto a face ondulosa
Dos alpendrados porticos antigos.

Mas do crescente a frouxa claridade
Glacial, malometana,
Banha o Nilo, a pyramide, a cidade.
Lourejando a velha noite egypciana.

PEREGRINO

Rompe caminho a tribo koreschita
Dos camellos a récua pauperada
Olhate dosamente a desdobrada
Arenosa amplidão quasi infinita.

A espaços um basar mostra esplidente
Os coraes de Bahreim, myrra, perfumes,
Cadeos, negros alfanges trigumes,
Branco alfarceme e camafeos do oriente.

Quando a turba porém descansa quieta,
Um grito alegre esperta a caravana :
Limitando a amplidão serena e plana
Alveja ao longe a villa do propheta.

1884.

Opinião de Victor Henry sobre um trabalho do Dr. Sylvio Roméro.

Os leitores, sem duvida, conhecem o interessante opusculo do Dr. Sylvio Roméro « *Ethnographia brazileira* » onde o nosso critico combate toda a sorte de extravagantes theorias que no meio litterario e scientifico brazileiro nasceram a proposito de estudos ethnographicos.

Taes as theorias do *turanismo*, do *mongolismo* das raças indigenas, etc.

Sobre aquelle opusculo encontramos na *Revue Critique d'Histoire et de littérature* de Paris, uma noticia que vamos transcrever.

A noticia critica foi escripta por Victor Henry, sauskritista e linguista conhecido na alta cultura européa e considerado como o mais notavel dos neo-philologos da França, onde tem sustentado com valor e mesmo com alguma independente originalidade a nova escola dos Burgmann e dos *jung-grammatiker* allemães.

Eis a noticia :

« **SYLVIO ROMÉRO.** — *Ethnographia brazileira.* — Estudos criticos. — *Rio; Alves*, 1888, in-8º.

« Sob esse titulo e formato commodo e elegante, o auctor reuniu seis ensaios de linguistica e ethnographia americana, publicados em epochas diversas: 1º. Couto de Magalhães e os selvagens brazileiros; 2º. Couto de Magalhães e a influencia dos selvagens sobre o *folk-tore* brazileiro (1879); 3º. Barbosa Rodrigues e a questão da nephrite (1884); 4º. Theophilo Braga e o turanismo dos indigenas brazileiros (1882); 5º. (mesmo assumpto); 6º. Ladislao Netto e a archeologia brazileira (1886).

« De uma maneira geral não ha senão louvar as idéas e as intenções do Sr. Roméro, o espirito de critica saú que o anima, o zelo por vezes demasiado violento, com que combate doutrinas fossilisadas e já agora insustentaveis (1), e o testemunho de sua séria competencia no assumpto. Pelos titulos dos capitulos vê-se que está o auctor em dia com os trabalhos dos seus contemporaneos ou de seus vizinhos, o que é natural; mas tambem cita as refutações

(1) Deve-se entender no meio cultural Europeu e não no Brazil.

que apareceram na Europa, bem que só tenha conhecido algumas por transcrição (p. 47); as obras dos Max-Müller, dos Sayce, dos Whitney e dos Renans, para só nomear os mais illustres, são-lhe visivelmente familiares.

« De todas estas leituras sabe tirar syntheses, sob a forma de vulgarsaçao é certo, mas claras, exactas e agradaveis taes como seria mister fazel-as para chamar o interesse da maioria do publico em relação a sciencias ainda mal conhecidas. As opiniões contra as quaes o auctor se eleva, desde muito tempo cahiram em descredito entre nós, ainda que costumam a reapparecer de vez em quando; mas a America, excepção feita dos Estados Unidos, tornou-se o refugio preferido de taes phantasias extra-scientificas. Possa a obra do Sr. Roméro expulsal-as d'ahi e prevenir os espiritos contra a volta periodica d'esses livros sem nome em que as linguas americanas são filiadas, alternativa ou simultaneamente, ao sanskrito, ao hebreu, ao finnez, ao basco e á lingua do Japão. V. Henry ».

Da educação

QUAL É O SABER MAIS PROVEITOSO

(Continuação)

Se desejarmos uma prova mais evidente ainda do carácter primitivo e incompleto do nosso genero de educação, faremos notar quanto o valor comparativo dos diferentes conhecimentos foi pouco estudado e discutido d'uma maneira methodica e em vista de conclusões definidas. Ainda se não adoptou criterio para este genero de apreciação; não se concebeu ainda com clareza a existencia de semelhante criterio: sente-se-lhe apenas a necessidade. Leem-se livros sobre tal assumpto, vão ouvir-se conferencias sobre qualquer outro; decidem mandar ensinar a seus filhos certos conhecimentos com preferencia a uns outros; e tudo isto sem outro guia que não seja a rotina, o preconceito ou um gosto particular; nunca se pensa quanto seria importante determinar em primeiro logar d'um modo quasi racional quaes são as cousas dignas realmente de ser aprendidas. Até que ponto tal ou tal ramo de instrução justificará a despeza de tempo exigida para a adquirir? Porventura não ha cousas

mais necessarias de se saber, ás quaes seria preferivel consagrar este mesmo tempo? São estas questões que nunca se apresentam, ou que se apressam a resolver d'uma maneira summaria e segundo as preferencias pessoaes.

A questão importante, no nosso entender, não é saber se tal ou tal genero de conhecimentos tem qualquer valor, mas qual é o seu valor *relativo*. Imaginam justificar completamente a sua maneira de ver, quando se cita um certo numero de vantagens adquiridas por um determinado genero de estudo. Esquecem-se inteiramente de que o ponto em litigio é saber se estas vantagens são proporcionadas aos esforços empregados para as adquirir. Não ha talvez objecto algum, entre aquelles a que os homens podem consagrar a sua attenção, que não tenha um certo grau de utilidade.

Um anno bem empregado a estudar a arte heraldica daria provavelmente algumas noções sobre os costumes e usos de outr'ora. O individuo que conhecesse as distancias que existem entre todas as cidades da Inglaterra poderia um dia tirar partido de um ou outro dos mil factos que aprendeu, se tivesse, por exemplo, que traçar um plano de viagem a emprehender. O que recopilasse todos os mexericos de uma província, encontraria talvez nesta ocupação, muito ociosa de certo, a occasião de contribuir para a constatação de um facto util, deduzindo, por exemplo, um caso de atavismo curioso. Cada um no entanto admittirá que o proveito não é proporcional ao esforço. Por certo se acharia absurdo propor a um mancebo consumir muitos annos da sua vida em adquirir semelhantes noções em vez de aprender outras cousas muito mais uteis. Mas, visto que nós regulamos aqui o nosso juizo sobre o valor relativo dos conhecimentos, o mesmo criterio não deve ser applicado sempre e em toda a parte? Se o tempo nos não faltasse para abraçar todas as sciencias, ser-nos-hia permitido não escolher. Não diz a velha canção:

«Se o homem estivesse certo de que os seus dias deviam durar, como outr'ora, mil annos, que cousas elle não poderia aprender! Que trabalhos não poderia realizar! Sem pressa e sem cuidados!»

Mas nós, cuja vida não é mais do que um momento, não devemos esquecer que pouco tempo temos para nos instruir.

Este tempo é ainda abreviado pelas mil occupações da vida; deve-se por tanto tratar de o empregar da maneira mais vantajosa.

Como se deve pois viver? Para nós é esta a questão essencial. E não se tracta aqui sómente da vida material, mas da vida na sua accepção mais lata. O problema geral, comprehendendo todos os outros, é este: Qual é a verdadeira linha de conduta a seguir em todas as situações, em todas as circumstancias da vida? Como se deve tractar o corpo? Como cumpre dirigir a intelligencia? Como governar os seus negocios? Como é que se deve educar a familia? De que modo cumpre desempenhar os seus deveres de cidadão? Como convém utilizar todas as fontes de felicidade que a natureza deu ao homem? Qual é a melhor maneira de empregar todas as nossas faculdades para nosso maior proveito e dos outros? Como conseguir afinal viver vida completa? E, sendo isto a grande cousa necessaria que nos importa aprender, é tambem a grande cousa que a educação deve ensinar. Preparar-nos para a vida completa é o fim da educação; e a maneira racional de julgar um sistema de educação é saber em que grau preenche ella este fim...

A primeira cousa que temos a fazer é evidentemente classificar, segundo a sua importancia, os principaes generos de actividades que constituem a vida humana. Naturalmente dividem-se todos assim: 1.^o a actividade que tem por objecto directo a conservação do individuo; 2.^o a que, provendo ás necessidades da sua existencia, contribue indirectamente para a sua conservação; 3.^o a actividade que tem por objecto a sustentação e educação da familia; 4.^o a que assegura a sustentação da ordem social e politica; 5.^o a actividade de genero variado, empregada em preencher os ocios da existencia pela satisfação dos gostos e dos sentimentos.

Tal é pouco mais ou menos a sua ordem hierarchica; torna-se inutil demostrar-o detidamente. E' de toda a evidencia que em primeiro logar vêm as accões e as preocupações, com o auxilio das quaes nós garantimos incessantemente a nossa segurança pessoal. Imagine-se um individuo tão ignorante, como uma creancinha, dos objectos que o cercam e dos movimentos

dos seres que o rodeam, não sabendo guiar-se entre elles nem garantir-se do perigo; este individuo de seguro perderia a vida na primeira vez que aparecesse só na rua, apesar de todas as noções que possuisse sobre os demais objectos. Deve-se por tanto admittir que os conhecimentos immediatamente necessarios são os que garantem directamente a conservação do individuo, pois que esta ignorancia lhe seria mais fatal do que qualquer outra.

Ninguem poderia tambem contestar que a segunda ordem pertence á conservação indirecta do individuo, isto é que aos meios de conservar a sua existencia. Evidentemente, a obrigação de prover á sua propria sustentação deve anteceder os deveres da familia, visto que não é geralmente possivel satisfazer a estes senão depois de ter preenchido esta primeira condição. A possibilidade de attender á sua propria sustentação, devendo preceder a de suprir á sustentação da familia, os conhecimentos que se torna necessário adquirir para se conservar a si proprio são mais indispensaveis do que aquelles que permitem assegurar o bem estar da familia futura.

Assim como no desenvolvimento sucessivo da sociedade a familia precedeu o Estado, visto que se educaram creanças antes de o Estado existir, e que se podem educar depois da sua destruição; não podendo subsistir estado sem elles, segue-se que os deveres do pai de familia tem uma importancia superior aos do cidadão. Desde que o valor e a força d'uma sociedade dependem em conclusão do caracter dos cidadãos que a formam, e visto que a educação é o meio mais certo de influir sobre o caracter, resulta naturalmente que a prosperidade da sociedade é fundada na familia. A sciencia que concorre mais directamente para o desenvolvimento d'esta ultima deve portanto tomar o passo á que assegure a existencia da primeira.

As numerosas artes de distracção que preenchem os desafogos dos mais graves trabalhos da vida, tales como a poesia, a musica, a pintura, não conseguiram existir sem a previa organisação d'uma sociedade constituída; não sómente não podem attingir um alto grau de perfeição senão no seio de uma organisação social já antiga, como tiram a sua origem principal dos sentimentos sociaes e de sympathia geral.

Não sómente a sociedade estabelecida facilita o seu desenvolvimento, mas é ella que alimenta continuamente as ideias e os sentimentos que estes exprimem. Em matéria de educação o que pôde contribuir para formar o bom cidadão tem portanto mais importância do que o que pôde servir para adquirir talentos e satisfazer o gosto.

(Continua).

Despesas com a instrucción publica

No exercicio de 1886 a 1887, correspondente ao ultimo anno financeiro do antigo sistema de Junho a Julho, as verbas votadas em todo o imperio para a despesa da instrucción publica primaria e secundaria, foram as seguintes:

Amazonas	290:022\$915
Pará	676:279\$853
Maranhão	138:437\$614
Piauhy	53:980\$750
Ceará i . . .	199:023\$425
Rio Grande do Norte . . .	128:052\$425
Parahyba	118:975\$464
Pernambuco.	878:825\$474
Alagoas	204:048\$079
Sergipe	147:832\$877
Bahia	534:432\$571
Espirito Santo.	93:784\$404
Rio de Janeiro.	915:910\$685
Capital do Imperio . . .	932:009\$413
São Paulo	775:713\$340
Paraná	163:123\$659
Santa Catharina	99:523\$821
Rio Grande do Sul . . .	523:346\$628
Minas Geraes	968:381\$270
Goyaz	59:812\$389
Matto Grosso	47:879\$957
	7.949:396\$963

A esta somma cumpre adicionar.

Pelos cofres geraes:

subvenção aos Ly-	
ceos de artes e of-	
cios da corte, Ba-	
hia e Pernambuco	70:000\$000
Aula de geometria	
em Goyaz.	1:134\$000
	71:134\$000

Pelos cofres provincias:	
Rio de Janeiro: di-	
reccão	32:435\$447
Escola Normal . . .	23:730\$471
Instrucción secunda-	
ria	3:699\$985
	----- 59:865\$903
S. Paulo subvenção	
a um collegio . . .	1:200\$000
Lyceu de artes e of-	
ficios	12:000\$000
	----- 13:200\$009
Bahia: Lyceu de artes e oficios	3:333\$320
Maranhão: Casa de educan-	
das	38:494\$594
Alagoas: Subvenção a um	
collegio	2:950\$000
	----- 8.138:374\$789

Divisão Administrativa do Brazil

PROVINCIA DO PARA'

23— Igarapé-mirim, villa por Lei provincial de 16 de Outubro de 1843, installada em 26 de Julho de 1845. Compõe-se de uma só parochia:

77) Sant'Anna de Igarapé-mirim, creada em 1758.

24— Irituya, villa por Lei provincial de 31 de Julho de 1879, installada em 7 de Janeiro de 1881. Compõe-se de uma só parochia:

78) N. S. da Piedade de Irituya, creada em 1839.

25— Itaituba, villa por Lei provincial de 16 de Outubro de 1854, installada em 3 de Novembro de 1857. Compõe-se de uma só parochia:

79) Sant'Anna de Itaituba, creada em 1854.

26— Juruty, villa por Lei provincial de 4 de Abril de 1883, installada em 9 de Março de 1885. Compõe-se de uma só parochia:

80) N. S. da Saude de Juruty, creada em 1818.

27) Marapanin, villa por Lei provincial de 4 de Março de 1874, installada em 15 de Janeiro de 1878. Compõe-se de uma só parochia:

81) N. S. da Victoria de Marapanin, creada em 1869.

- 28— Mazagão, villa por Lei provincial de 30 de Abril de 1841, installada em 24 de Julho de 1842. Compõe-se de uma só parochia:
- 82) N. S. da Assumpção de Mazagão, creada em 1770.
- 29— Melgaço, villa por Lei provincial de 27 de Agosto de 1856, installada em 12 de Outubro de 1857. Compõe-se de uma só parochia:
- 83) S. Miguel de Melgaço, creada em 1758.
- 30— Mocajuba, villa por Lei provincial de 5 de Abril de 1872, installada em 7 de Janeiro de 1873. Compõe-se de uma só parochia:
- 84) N. S. da Conceição de Mocajuba, creada em 1853.
- 31— Mojú, villa por Lei provincial de 6 de Outubro de 1870, installada em 5 de Agosto de 1871. Compõe-se de duas parochias:
- 85) Divino Espírito Santo de Mojú, creada em 1839.
- 86) N. S. da Soledade de Cairary, creada em 1839.
- 32— Monsarás, fundada em 1757. Compõe-se de uma só parochia:
- 87) S. Francisco Xavier de Monsarás, creada em 1757.
- 33— Muaná, villa em 1833, installada em 5 de Março de 1834. Compõe-se de uma só parochia:
- 88) S. Francisco de Paula de Muaná, creada em 1757.
- 34— Oeiras, villa por Lei provincial de 23 de Outubro de 1868, installada em 4 de Julho de 1870. Compõe-se de uma só parochia:
- 89) N. S. de Assumpção de Oeiras, creada em 1758.
- 35— Ourem, fundada em 1753. Compõe-se de uma só parochia:
- 90) Divino Espírito Santo de Ourem, creada em 1753.
- 36— Pontas de Pedras, villa por Lei provincial de 18 de Abril de 1877, installada a 30 do mesmo mez e anno. Compõe-se de uma só parochia:
- 91) N. S. da Conceição da Ponta de Pedras, creada em 1757.
- 37— Portel, villa por Lei provincial de 25 de Setembro de 1843, installada em 8 de Janeiro de 1845. Compõe-se de uma só parochia:
- 92) N. S. da Luz de Portel, creada em 1758.
- 38— Porto de Moz, fundada em 1758.
- Compõe-se de quatro parochias:
- 93) S. Braz do Porto de Moz, creada em 1639.
- 94) S. João Baptista de Veiros, creada em 1639.
- 95) S. João Baptista de Pombal, creada em 1639.
- 96) Bôa Vista, creada em 1876.
- 39— Prainha, villa por Lei provincial de 14 de Agosto de 1879, installada a 7 de Janeiro de 1881. Compõe-se de uma só parochia:
- 97) N. S. da Graça da Prainha, creada em 1758.
- 40— Quatipurú, villa por Lei provincial de 31 de Julho de 1879, installada a 1 de Junho de 1883. Compõe-se de uma só parochia:
- 98) N. S. de Nazareth de Quatipurú, creada em 1868.
- 41— Salinas, villa por Lei provincial de 2 de Novembro de 1882. Compõe-se de uma só parochia:
- 99) N. S. do Socorro das Salinas, creada em 1781.
- 42— São Caetano d'Odivellas, villa por Lei provincial de 5 de Abril de 1872, installada a 28 de Agosto de 1874. Compõe-se de uma só parochia:
- 100) S. Caetano d'Odivellas, creada em 1757.
- 43— São Miguel de Guamá, villa por Lei provincial de 5 de Abril de 1872, installada em 7 de Janeiro de 1873. Compõe-se de uma só parochia:
- 101) S. Miguel de Guamá, creada em 1758.
- 44— Soure, villa por Lei provincial de 9 de Setembro de 1847, installada em 20 de Janeiro de 1859. Compõe-se de tres parochias:
- 102) Menino Deus de Soure, creada em 1757.
- 103) N. S. da Conceição de Salvaterra, creada em 1757.
- 104) Monforte, creada em 1878.
- 45— Souzel, villa por Lei provincial de 14 de Abril de 1874, installada em 1 de Fevereiro de 1875. Compõe-se de uma só parochia:
- 105) S. Francisco Xavier de Souzel, creada em 1639.
- 46— Vizeu, villa por Lei provincial de 22 de Dezembro de 1856, installada em 7 de Janeiro de 1858. Compõe-se de uma só parochia:
- 106) N. S. de Nazareth de Vizeu, creada em 1758.

Bibliographia Brazileira

ANNO II — 30 DE ABRIL DE 1889 — BOLETIM XVI

AVISO. — Pedimos aos Srs. editores do Brazil que nos enviem um exemplar de suas publicações (livros, musicas, mappas, photographias, litographias, etc.), com indicação do preço da venda. Esta indicação é importante para completar a noticia das publicações.

Catalogo alphabetico das publicações brazileiras

LIVROS

94 — ALMANAK REPUBLICANO BRAZILEIRO para o anno de 1889 em homenagem ao Centenario da Revolução francesa — Anno I. Rio de Janeiro, Imprensa Mont'Alverne 1889 — 32º em VIII — 352 pags.

95* — HERBERT SPENCER Lei e causa do progresso e Utilidade do antropomorphismo traducción de M. C. da Rocha. Rio de Janeiro.

96* — MASCARENHAS (Francisco de Paula) Abecedario Mascarenhas ou Methodo recreativo de aprender a ler (em cartões lithog. colorido) Rio de Janeiro.

97* — MONCORVO DE FIGUEIREDO (Dr.) Perturbações dyspepticas na infancia — Rio de Janeiro ?

98* — NOGUEIRA JAGUARIBE (Dr. Domingos José) Discurso pronunciado na assembléa provincial de S. Paulo na sessão de 15 de Março. S. Paulo ?

99 — PINHEIRO DE BITTENCOURT (Dr. Feliciano) Origem das especies e America prehistorica. Conferencias effectuadas na Escola Publica da Gloria. Rio de Janeiro, Papelaria de Gonçalves Mendes & C., rua do Ouvidor 23 b e 38 — 8º com 85 pags.

100* — SILVA JARDIM (Dr.) Carta politica ao paiz e ao partido republicano — Rio de Janeiro.

101 — SYLVIO ROMÉRO A philosophia e o Ensino Secundario. Rio de Janeiro. Centro Bibliographico, 41 rua Gonçalves Dias, 32º com 26 pags.

102* — TEIXEIRA (Mathias João) Compendio elementar de musica para uso dos alumnos do Collegio D. Pedro II — Rio do Janeiro ?

103* — WILLIAM COBBET. A regencia. Os desacertos do poder pessoal. Rio de Janeiro ?

104* — VERIDIANO DE CARVALHO. Bancos e companhias. Formulario dos instrumen-

tos uzuais nos secretariados dos Bancos e Sociedades Anonymas do Brazil — Rio de Janeiro 1889 — 8º.

ARTES GRAPHICAS

105 — SPECIMEN DE TYPOS E ORNATOS da Imprensa Nacional. Rio de Janeiro 4º impresso de uma só face chromo litho. — typographic e typog. 1 pagina.

Sob este titulo acaba a Imprensa Nacional de publicar o seu primeiro volume de *Specimen de typos e ornatos*, e de com isso dar ao mesmo tempo uma irrecusável prova de grande adiantamento que as artes graficas tem tido neste estabelecimento no periodo da actual administração.

Apresenta o volume em cerca de cem paginas, primeiramente uma colleção *Elzeviriana* desde o corpo 6 até o 22, nada menos de 17 variedades; seguem-se os *Classicos communs*, desde o corpo 5 até o 40, 16 variedades; dos caracteres *Normandos Egypcios e similares*, desde o corpo 6 ao 40, 38 variedades: total das tres especies 71 variedades para obras lisas, taes como livros e jornaes.

De *Manuscriptos e congeneres* apresenta o *Specimen* do corpo 12 ao 40, 24 variedades: dos caracteres gothicos do corpo 9 ao 84, 19 variedades; de phantasias do corpo 12 ao 72 cerca de 100 variedades; de caracteres grego e allemano corpos 10 deste e 9 daquelle; e finalmente de iniciaes ornadas, corpos 40, 84 e 90; de signaes diversos, colleções em corpos 6, 7, 8, 9, 10 e 11. Terminando o *Specimen* por filets de metal e de chumbo. laminas de 2 a 12 pontos, duas series de linhas floridas, colchetes, cantos, ornatos capitulares, vinhetas e ornatos em numerosa variedade.

A fundição é em geral de finas arestas e conserva os mais delicados contornos do desenho, quer no typo commum e de phantasia, quer nos cantos e vinhetas; destas ha colleções muito lindas de imitação americana, distinguindo-se sobre todas a chinesa que permite ao compositor as mais graciosas combinações.

(Continua)

EXTRACTO DO CATALOGO

DE

ALVES & C.

PUBLICAÇÕES DE 1887 — 1889

<i>Geographia Geral do Brazil</i> , por A. W. Sellin, consideravelmente aumentada por J. Capristano de Abreu, 1 vol.	2\$500
<i>Elementos de Arithmetica</i> , pelo Dr. João J. Luiz Vianna, 3 ^a edição, 1 vol.	4\$000
<i>Rudimentos de Historia Universal</i> , traducção de D. Maria E. Leal, 1 vol.	2\$000
<i>Noções de Historia Universal</i> , pelo Dr. Moreira Pinto, 2 ^a edição correcta e aumentada, 1 vol.	3\$000
<i>Grammatica allemã</i> , theorica e pratica, por Emilio Otto, adoptada ao programma do ensino no Brazil, por Adolpho Neumann, 1 vol	4\$000
<i>Diccionario grammatical</i> , contendo em resumo todas as materias que se referem ao estudo historico-comparativo da lingua portugueza, compilado por João Ribeiro, 1 vol	4\$000
<i>Grammatica portugueza</i> , curso superior, 3 ^o anno, por João Ribeiro, 2 ^a edição, correcta e aumentada, 1 vol. in-12	3\$000
<i>Grammatica portugueza elementar</i> , curso medio 2 ^o anno, por João Ribeiro, 1 vol.	2\$000
<i>Grammatica portugueza da infancia</i> , curso primario (1 ^o anno), por João Ribeiro	1\$000
<i>Principios de composição</i> , descripções, narrações, cartas, etc., por Guilherme do Prado, 1 vol.	1\$500
<i>Analyse logica e noções de Syntaxe e Rhetorica</i> , por G. Ch. Raoux Briggs, 1 vol.	1\$500
<i>Curso de Geographia Geral</i> , etc., pelo Dr. Moreira Pinto, 1 vol.	3\$000
<i>Guia Pedagogica de calculo mental</i> e uso do contador mecanico ou arithmometro no ensino elementar da arithmetica, traducção e adaptação ás nossas escolas, por Alambary Luz, 1 vol.	2\$000
<i>Tratado de Methodologia</i> , por Felisberto de Carvalho, 1 vol.	2\$000
<i>Arithmetica da infancia e metrologia</i> , por monsenhor C. Couturier, bacharel em sciencias e em letras, professor de mathematicas, 3 ^a edição, 1888, 1 vol in-32 cart.	\$400
<i>Arithmetica das escolas primarias</i> , organisada de acordo com os relativos preceitos pedagogicos, por F. R. P. de Carvalho, 1 vol. in32 cart.	8\$00
<i>Geographia-atlas</i> , contendo oito mappas, seguida d'um ligeiro esboço chronologico da Historia do Brazil e de poucas noções de cosmographia, por Monsenhor C. Couturier, 2 ^a edição muito melhorada pelo Dr. Moreira Pinto, 1 vol.	1\$000
<i>Cathecismo da Doutrina Christã</i> , aprovado pelo Illm. e Exm. Sr. D. Pedro Maria de Lacerda, por Monsenhor C. Couturier, 1 vol. cart.	\$500
<i>Compendio da Historia Sagrada</i> , dedicada á intancia biazileira, crnado com estampa mappas, por Monsenhor C. Couturier, 1 vol.	8\$00
<i>Diurnal da mocidade christã</i> , dedicado aos filhos e filhas da terra de Santa Cruz, por monsenhor Carlos Couturier, 1 vol.	2\$000

Sahiram á luz e acham-se á venda na

LIVRARIA CLASSICA DE ALVES & C.

46 e 48 Rua Gonçalves Dias 46 e 48

O BRAZIL EM 1889

GEOGRAPHIA DAS PROVINCIAS DO BRAZIL

TERCEIRA EDIÇÃO

pelo Dr. Moreira Pinto, 1 vol 3\$000

BIBLIOGRAPHIA

2) *Geographia das provincias do Brazil em 1889*, pelo bacharel Alfredo Moreira Pinto, 3^a edição

E' incontestavelmente o melhor trabalho que possuimos no genero; bom methodo, exposição clara, e dados recentes e hauridos das melhores fontes.

A introdução é traçada com muita arte, pois contem os prolegomenos necessarios ao estudo da sciencia geographica; a noticia historica do paiz em geral, é succinta mas muito exacta, e os quadros syntheticos da natureza muito completos e o quanto possivel pela exiguidade do resumo, minucioso.

Sobre cada uma das provincias encontra-se tudo quanto pôde interessar o leitor em geral e instruir o alumno em particular.

Em resumo estes douis livros, o de Sellin e o de Moreira Pinto, muito devem concorrer para a diffusão de conhecimentos das cousas patrias, o que muito devem ter em vista aquelles a quem cabe a espinhosa tarefa de instruir e educar a mocidade.

(D'O *Constitucional*).

NOÇOES SUMMARIAS

DE

HISTORIA UNIVERSAL

adoptada pelo Governo Imperial para uso do Collegio D. Pedro II, por J. M. da Gama Berquó, 1 vol.

5\$000